

Projectos do CEAA

CAMINHANDO PELO MUNDO DO FANTÁSTICO NO VALE DO MINHO²⁰³

ÁLVARO CAMPÊLO

CEAA

Resumo:

Neste texto damos conta de um projecto de investigação, levado a termo no ano de 2001 pelo Centro de Estudos de Antropologia Aplicada, sob o tema de «Lendas do vale do Minho». Das estratégias de investigação de campo até às possíveis interpretações, o texto fornece ainda algumas narrativas do campo do fantástico e que não entraram no livro entretanto publicado sob o título “Lendas do Vale do Minho”.

Abstract:

In this text we expose an investigation project, made through the year 2001 by the CEAA, titled «Lendas do Vale do Minho». From the field investigation strategies until the possible interpretations, this text gives some narratives on the fantastic area that did not appeared on the meanwhile published book: “Lendas do Vale do Minho”.

²⁰³ Este texto retoma em parte a introdução presente na monografia “*Lendas do Vale do Minho*”, editada pela Associação de Municípios do vale do Minho (2002). Acrescentamos mais alguns comentários, bem como transcrições de lendas e contos não presentes nessa monografia, devido a limitações contratuais.

O Centro de Estudos de Antropologia Aplicada (CEAA) desenvolveu um projecto de levantamento de lendas, promovido pela Associação de Municípios do Vale do Minho (AMVM). O projecto, sujeito a concurso, propunha como objectivos: levantamento das lendas que fazem parte do património desta zona do país; seu tratamento para publicação; registo fotográfico dos lugares referidos pelas narrativas; fornecimento de dados e conteúdos para a elaboração de uma peça de teatro a representar em todas as capitais de concelho da AMVM²⁰⁴; uma exposição temática itinerante; e um documentário²⁰⁵. Com a apresentação pública do livro e do filme no dia 13 de Junho de 2002, deu-se por concluído todo o projecto, pois já antes as restantes partes do mesmo haviam sido apresentadas ao público no mês de Março.

O projecto de levantamento das lendas do Vale do Minho foi uma investigação levada a cabo durante o ano de 2001 - 2002, nos seis concelhos que compõem a Associação de Municípios do Vale do Minho: Caminha, Vila Nova de Cerveira, Paredes de Coura, Valença, Monção e Melgaço²⁰⁶. Durante este período foram percorridos, por duas equipas, cerca de 10. 500 quilómetros no Vale do Minho, para entrevistar informantes, fotografar e para recolher imagens.

Uma recolha de lendas impõe uma estratégia²⁰⁷ e uma legitimidade que se devem explicar, mesmo correndo o risco, que assumimos, de não serem

²⁰⁴ A peça foi escrita pela dramaturgo António Torrado, encenada por José Martins, e levada à cena pela companhia profissional Teatro do Noroeste, de Viana do Castelo.

²⁰⁵ Em vez de um documentário, foi realizado um pequeno filme que interpretou o sentido das lendas, tendo em conta a dimensão contextual ecológica que desenvolveremos ao longo desta exposição. Deve-se realçar que esta visão artística e interpretativa não foi aceite pelos promotores.

²⁰⁶ O projecto foi atribuído pela Associação de Municípios do Vale do Minho ao Centro de Estudos de Antropologia Aplicada (CEAA), da Universidade Fernando Pessoa. Neste projecto colaboraram os professores Álvaro Campêlo, Francisco Queiroga e Sérgio Lira, bem como finalistas do curso de antropologia (Sameiro, Sandra, Luís e Fátima) e a Dr.^a Alzira Pinto.

²⁰⁷ Recolhemos as lendas através de três processos: a) num primeiro momento procuramos localizar as narrativas que pudessem ser compiladas como lendas. Assim, visitamos todas as escolas dos seis concelhos, pedindo aos alunos que interrogassem os seus pais e avós sobre possíveis lendas do seu conhecimento. Desta recolha fizemos um primeiro mapa de locais a visitar; b) uma pesquisa bibliográfica que nos fornecesse alguns elementos de orientação, ou que pudessem eles mesmos ser seleccionados para a compilação. Nesta pesquisa verificamos que as lendas recolhidas em monografias

consensuais para a generalidade dos investigadores. Colocava-se, desde o início, a questão da própria definição de «lenda», contraposta à de «conto», «alegoria», «mito», «casos», «exemplos», «patranhas», «fábulas», etc.. A nossa interpretação de «lenda» foge, desde logo, enquanto projecto, a uma sobrevalorização da «cultura popular», numa perspectiva ideológica de identidade, proporcionada pela mais genuína expressão da ontologia de um povo (Leal, 1999:13). O que levantamos e interpretamos não é a evidência de uma etnogenia, nem a defesa de uma originalidade que individualiza as gentes do Vale do Minho em relação às outras comunidades, mas sim discursos e narrativas que, conservadas cada vez com mais dificuldade na memória, nos comunicam como as mulheres e os homens, que habitaram e habitam este Vale do Minho, usaram e interpretaram o espaço que lhes estava disponível. Desta forma, a apropriação dos lugares, inserindo-os como elementos do extraordinário no seu quotidiano mais simples e banal, introduz a acção dos homens, e dos seres fantásticos e divinos, numa história comum, cujo sentido se interpreta vivendo nessa crença relacional e fecunda de futuro, que o mundo simbólico proporciona²⁰⁸. Ao contrário do «conto», a «lenda» não pretende, em primeiro lugar, transmitir um conteúdo comportamental paradigmático pelas evidências dos seus contrários, mas pretende interpretar um espaço vivencial, fazendo dele uma «experiência» comum. É sua função inserir os ouvintes numa crença comum que agrega e transporta para o fantástico a experiência quotidiana. Chama o fantástico e contra-intuitivo para a «história», e transporta os factos históricos para o mundo do fantástico, que é o lugar dos mundos possíveis e do sentido do inexplicável. A íntima ligação da narrativa a um «lugar», ou uma «personagem» referida a um determinado espaço ou acontecimento local, foram os critérios absolutos para seleccionar as «lendas» como pertencentes ao Vale do Minho, mesmo que outras se-

locais eram, na sua maior parte, muito pouco cuidadas, no sentido de que, na maior parte das vezes, só se fazia uma mera referência à lenda, em poucas linhas, como querendo preservar um discurso rudimentar e pobre das lendas, porque atribuído a um discurso popular! c) com os elementos recolhidos, fizemos trabalho de campo de pesquisa e visita aos seis concelhos, para levantar novas lendas ou confirmar as que entretanto nos tinham chegado através dos dois processos anteriores.

²⁰⁸ “A palavra não se aplica apenas a uma convenção que permite identificar um elo mútuo através da reunião das partes que comunicam entre si. Este aspecto sistemático é acompanhado, de certa maneira, de um aspecto propriamente simbólico, na medida em que já não se aplica a «objectos» como uma vara partida ou uma senha, mas designa aquilo que permite a sujeitos reunirem-se em volta de uma crença ou de um valor e menos de um contrato social que de uma aliança sagrada ou considerada como tal” (Alleau, 2001: 32).

melhantes, ou com conteúdos muito próximos, existam, não só em Portugal como no estrangeiro. Não se foi em busca de um imaginário comum, suma da inteligência e do pensar humano, que se expressa na variedade das linguagens (Lévi-Strauss, 1962; Chomsky, 1990), mas tão só das narrativas de apropriação do espaço e da história pelas gentes do Vale do Minho.

Os povos sempre procuraram integrar as vivências no seu espaço ecológico. E a melhor forma de se apropriarem dos fenómenos experienciados, foi narra-los. A narração, o discurso oral, assumiu para as comunidades humanas a força da criação do seu cosmos, uma concepção mental do mundo (Augé, 2000), onde o acto de criação - «poético» (no sentido original do termo) - proporciona a satisfação do desejo: um mundo que se entenda, mesmo que para isso seja necessário inventá-lo.

A história das sociedades e da cultura não pode passar à margem do conto popular, dos seus discursos míticos e lendários. Se no passado se falava de uma «mitografia», a qual tinha por objecto as questões que se ligam com a origem, essência e transmissão dos contos populares, hoje interessa ao estudioso da cultura os significados presentes e actuaentes na narrativa, ou seja, no próprio facto de ela existir enquanto comunicação de um mundo integrado e experienciado.

Na maior parte dos países existem colecções de contos populares, a que corresponde uma preocupação folclorista, de carácter literário. Nesta preocupação se inserem os estudos dos «mitógrafos», como os irmãos Grimm, Asbjömson e Moe, Gaston Paris, Comparetti, Pitré, Ralston, Afanasiev, etc, no estrangeiro; Adolfo Coelho (1879), Leite de Vasconcellos (1966), Alberto Sampaio, Teófilo Braga (1883), Consiglieri Pedroso (1910), etc., em Portugal²⁰⁹. As colecções eruditas competiam entre si no levantamento exaustivo dos contos e lendas das respectivas tradições culturais, comparando-as com as dos outros povos (onde existiam contos e lendas semelhantes, apesar de variantes mais ou menos importantes), de modo a relevar as formas «mais puras» de cada uma delas. Desta preocupação nos dá uma referência Pedroso (2000: 8), ao afirmar: “Todos os contos que figuram neste volume foram coligidos directamente da tradição oral, de modo que a sua genuinidade é de todo o ponto irrefutável. Para mais seguramente autenticar a sua proveniência e para tanto quanto possível dar carácter científico aos elementos

²⁰⁹ Poderíamos acrescentar outros (Trancoso. 1979; Oliveira. 1989)...

indispensáveis para o estudo crítico das diversas variantes de um mesmo conto, conservamos cuidadosamente entre as nossas notas o nome e a profissão do narrador, a sua naturalidade e, todas as vezes que isso foi possível, se sabia ou não ler”. A metodologia de recolha dos contos apresentou-se como prova da forma pura do conto, desconhecendo as próprias implicações da interacção entre os actores implicados e o registo escrito consequente. Esta pretensão insere-se numa ideologia cara aos «mitógrafos», a qual buscava no «Povo» (uma palavra por si mesma construída ideologicamente, e que corresponderia a uma postura ontológica genuína), uma verdade e autenticidade deturpada pelo processo civilizacional moderno: “A presente colecção representa, pois, o que nos foi dado colher da boca virgem do povo, e vem ainda impregnada do suave perfume da alma popular, não tendo tido tempo de perder por alterações ou por adulterações eruditas a sua fragrância original” (Pedroso, 2000:9). Centrada na cultura popular, esta direcção dos trabalhos folcloristas, a partir do séc. XIX, configurou-se como “um instrumento cultural e ideológico de asserção da identidade nacional”(Leal, 2000:13), dentre os quais se situa privilegiadamente a investigação de Teófilo Braga (Cf. Leal, 1999: 14; Ferré, 1982; Braga, 1994; Braga, 1999).

Colocada a questão com estes pressupostos, a principal missão do estudioso era, num trabalho comparativo, discernir entre o conto verdadeiro (sinónimo de tradicional, popular, com alto valor científico) e os imperfeitos (sinónimo de derivado, adulterado, erudito, de reduzido valor científico). Contudo, o problema estava em discernir, mesmo utilizando a recolha directa do conto, o autêntico, dos derivados. E isto porque se apresentavam versões muito distintas do mesmo conto, da mesma lenda. Certamente que uma recolha deveria fazer justiça dessas variantes. Ao nível das compilações a solução só podia ser encontrada entre duas possibilidades: uma primeira que consistia em escolher uma das variantes como conto tipo, colocando as múltiplas variantes em nota final; a segunda transcrevia os contos como independentes, não dando preferência a nenhuma das variantes. Esta foi a opção de Consiglieri Pedroso (cf. 2000:12).

No nosso caso, as dificuldades encontradas desde início resumiam-se a três pontos:

- a) Como recolher os discursos do fantástico, para neles discernir as lendas e os contos, de modo a coligir a monografia que se pretendia, quando os nossos informantes manifestavam uma grande dificuldade em verbalizar narrativas que tinham escutado dos seus antepassados?

Ao longo do trabalho verificamos a urgência desta recolha, dada a extraordinária ignorância, por parte das gerações mais novas e da maior parte dos mais velhos, das lendas já conhecidas e referenciadas em monografias locais. Com frequência escutamos das pessoas a sua estranheza pelo nosso interesse, e a afirmação de que, actualmente, já ninguém contava «essas histórias» aos mais novos! Na maior parte das nossas recolhas, o que encontramos foram elementos dispersos, meras referências a locais onde supostamente haveria uma «moura» - «como diziam os antigos» -, ou grandes divergências quanto ao mesmo local e lenda (que umas vezes ajudou a interpretar a complexidade do local e da respectiva lenda, outras impossibilitou uma narrativa coerente dos «factos»). Assumimos que algumas das lendas apresentadas nesta colecção coligem elementos recolhidos de vários informantes, tentando respeitar o sentido que todos suponham como verdadeiro à narrativa em si. As lendas mais pequenas são aqueles em que a totalidade do seu discurso foi fornecido por um único informante, conservando a sua simplicidade e unidade²¹⁰.

- b) Como ter em conta as recolhas já estabelecidas nas monografias locais?

Verificou-se que já existiam, em alguns concelhos, levantamentos de lendas. Umhas vezes feitos por grupos escolares, outras por iniciativa de organizações culturais. A decisão que se tomou foi a de ter em conta esta informação como válida para a pesquisa, mas, ao mesmo tempo, procurar informantes e dados que confirmassem ou contrariassem alguns dos dados recolhidos. Algumas monografias faziam só pequenas referências a uma ou outra lenda do seu concelho, sem se preocuparem sequer em ter um texto mais ou menos coerente sobre elas.

²¹⁰ Tendo em conta a finalidade da recolha – divulgação das lendas –, não tivemos como intenção preservar todo o linguajar popular, nas suas falhas, constantes repetições ou frequentes alterações temporais. Caso se tratasse de um trabalho puramente académico, a apresentação das lendas teria de seguir outros critérios. Mas, mesmo conscientes desta intencionalidade, julgamos que nas lendas apresentadas está «uma versão» muito próxima desse linguajar. Convém ainda salientar que em muitos dos relatos levantados os nossos interlocutores se afirmavam como participantes nos acontecimentos referidos.

- c) Por último, deparamos com um conjunto de lendas já tratadas por Gentil Marques (1987), e que se referiam a este espaço do Vale do Minho.

Aqui colocaram-se três possibilidades: ou respeitar a narrativa, tal como se apresentava; alterar, diminuindo a extensão da lenda (dado serem muito mais extensas, pelo seu prolífero palavreado romanesco, do que as outras recolhidas, e para as quais queríamos o máximo de contenção e de rigor); ou, simplesmente, não ter em conta esta recolha. Algumas das lendas de Marques não eram do conhecimento de nenhum dos nossos informantes! Mas como Marques as referia ao nosso campo de estudo, julgamos que não era justo uma recolha das lendas do Vale do Minho onde não estivessem lendas já «clássicas» na bibliografia conhecida. Optamos, mesmo sabendo dos riscos metodológicos que corremos – dada a diferença notória ao nível de linguagem que demonstram com o resto das lendas recolhidas –, por inserir algumas delas na nossa colectânea.

2. O FANTÁSTICO E O VALE DO MINHO

No Vale do Minho existem dois elementos que estão quase sempre em simbiose, a água e o feminino. Os dois, garantes da fertilidade, revelam-se e escondem-se na medida da curiosidade dos homens. Onde se manifesta o feminino, brota a água da fortuna e da saúde. Desde a Senhora da Ínsua, em Caminha, até à fonte de N^a Senhora (como refere o povo, mesmo que a lenda seja da Rainha Aragunta), em Valença, o milagre da fonte das águas puras e cristalinas, une o feminino e a água, como referências incontornáveis do imaginário do Alto Minho. Umhas vezes nos altos das montanhas, como a Furna ou o Monte Faro, outras junto ao rio, como a Senhora da Cabeça, o feminino e a água revelam-se como os elementos necessários para a fertilidade de todo o Vale. A constante presença da figura feminina, ora manifesta na «Moura Encantada», ora em Nossa Senhora – muitas vezes com grande dificuldade de discernir qual das duas está presente (assunto que desenvolveremos mais adiante) –, ora em personagens históricas, como a Inês Negra ou Deladeu Martins, faz dela o centro decisório do futuro do Vale. O elemento masculino é chamado a interagir como factor perturbador, ou de necessária interacção, nos bens e graças prometidas por aquela.

As «Grandes Deusas» da fertilidade estão expressas nestas figuras femininas, dada a sua completa relação com a natureza. Esta ligação faz-se, não só

localizando as narrativas em determinados espaços e lugares carregados de mistério, como se de verdadeiros úteros primordiais prontos a parir se tratasse, mas também, porque essas personagens povoam as profundezas da terra, tendo a sua manifestação consequências no ordenamento da mesma. As evidências dessa presença oculta, encontra-as o povo naquilo que interfere o comum da sua vida: seja a promessa da mudança – na vinda de uma riqueza súbita –, seja no espaço ecológico onde vive – no penedo ou forma geográfica. Pontos salientes na paisagem, as formações graníticas, ou orográficas, não podem passar indiferentes ao homem. A perturbação que causam é interpretada como sinal de uma presença que se quer manifesta. O único problema é como saber entrar em relação com essa promessa e essa presença: um acto raramente levada a bom termo!

Em várias lendas, existe uma «confusão» quanto às personagens femininas presentes. Assistimos a acesas discussões entre informantes quanto à definição de ser ou não a Moura ou N^a Senhora, as personagens da lenda. Veja-se, por exemplo, a «Lenda do Penedo do Lagarto» (Lamas de Mouro). Esta «confusão» marca os processos de apropriação do mundo religioso arcaico, de onde as «Grandes Deusas» são recebidas, para as transformar ora em cultos à Virgem Mãe de Jesus – continuando a tradição religiosa –, ora em figuras femininas de fertilidade e despenseiras de fortuna, na versão “secularizada” das «mouras encantadas». Uma vez está uma presente e a outra ausente; outras, as duas disputam o lugar de personagem principal. Num local as duas chegaram a acordo, mesmo que seja com a primazia de uma delas, e a fonte tenha outro nome. Trata-se do Monte Faro em Valença, onde existe uma imagem à entrada da capela de N^a S.^a do Faro. Do lado esquerdo de quem entra, vemos essa imagem sintetizadora do feminino do Vale: « a moura converte-se a nossa senhora»! Ao fundo, uma fonte brota em abundância, razão de tudo o que a envolve, mas assumindo o nome de «Fonte de S.ta Teresa», numa «actualização» mais recente. A mulher liga-se à água, e o rebrantar da água faz lembrar a abundância, o início da vida. As formas da montanha convergem para esse espaço misterioso e proibido, manifesto na exuberante vegetação que o rodeia, qual púbis densa de desejo e de esperança, numa promessa que tanto atrai como afugenta. O bem e o mal não existem por si mesmos (Douglas, 1991), mas da relação a estabelecer com a promessa que se quer cumprir.

Lá ao fundo corre o lugar do acolhimento de todas essas manifestações: o Minho! Nome masculino, habitado por uma entidade feminina (Meiros, 1999: 21), a água do rio, vive em frequentes alterações de humor, que vão

desde a doce companhia das margens, onde se espraia a «mulher marinha», até aos desejos de conquista e gritos de fúria saídos das gargantas que o apertam, tanto para procurar a donzela celebrada na Porta do Sol de Valença, como para afogar o vivo, qual monstro devorador²¹¹. Correndo ao longo de todo o vale, para ele correm as águas das nascentes. É assim como que um espelho da fertilidade do Vale, da conciliação dos possíveis conflitos. Nele se revela o oculto, se superam os medos e se realiza a fraternidade. O Minho assiste ao «drama» de uma humanidade que tem de enfrentar os medos, e de superar as dificuldades do quotidiano. A sua omnipresença incentiva a um diálogo contínuo, para a resolução ou esquecimento das contradições manifestas. Tanto espelha a montanha donde vêm os seus interlocutores, como demarca o limite, a fronteira com o «outro lado». Desse lado vieram com frequência o terror e a surpresa, a morte e a vida, a derrota e a vitória. Nessa relação, sempre problemática, num momento incentiva à perseverança, noutra à heroicidade. A convicção é a de que a verdade e a beleza vencem, mesmo quando a força é desproporcionada.

A «Moura Encantada» impõe-se no conjunto das lendas recolhidas. Isto não é uma particularidade do Vale do Minho, como se pode verificar em tantas outras recolhas. Nas lendas de Mouras vários são os elementos presentes que dão significado à lenda²¹²: a água, a cobra, a noite de S. João, o sair das profundezas dos poços, dos ribeiros, ou de dentro dos penedos, o pentear os longos cabelos doirados com pentes de ouro! Dadas as características morfológicas da paisagem, imperam os penedos e a água. A moura é como que uma divindade da água²¹³ que celebra a sua fertilidade, a luz e o fogo da paixão do S. João, a riqueza e a fortuna, pelos objectos que ostenta.

²¹¹ Veja-se a referência de Vasconcelos (1966: XI Ciclo, p.350) ao conto sobre Nossa Senhora (592): “O rio Minho berrava muito. Quando nasceu o Menino Jesus e nossa Senhora fugia com ele, chegou ao pé, para o passar, e disse: - Rio Minho, vai caladinho! Não me apertes o Menino! – Depois o rio calou-se, e ainda hoje não grita, senão quando quer comer gente, isto é, para afogar a gente nele. Depois deita-se-lhe um cão ou um gato, para se acomodar. E acomoda-se”.

²¹² Leite de Vasconcelos (1966) faz referência ao encantamento, à serpente, ao beijo, ao S. João, às meadas, às vacas, e aos tesouros.

²¹³ Que os de Monção, influenciados pelos romanos, chamaram de Danaide. Veja-se a confusão da estátua presente na praça de Monção, onde uma ninfa das águas transporta nas mãos uma peneira! Há uma clara confusão entre Danaide e Deuladeu Martins, como podemos verificar durante a recolha. Há ainda quem afirme que

A moura-serpente transporta-nos para o encantamento original, que tem a ver com o fado a que está condenada a *serpe*, ela mesma um espírito das águas subterrâneas. Água e cabelos deambulam sem forma, ao sabor de intenções que lhes são estranhas²¹⁴. Ao solicitar o beijo para a libertar do encanto, a moura apela para o beijo como sopro de vida, e não o beijo amoroso. Este beijo, e a componente oral que lhes está associada, orientam a origem do mundo para um silêncio que se esconde durante um tempo determinado, e que, cumprido, se manifesta na vida e no usufruto de todas as riquezas. Não respeitar esse silêncio – segredo – solicitado pela moura, ou introduzir palavras que estão proibidas no ritual de desencantamento, é falhar no resgate da moura amada ou do tesouro desejado.

O penedo é outro dos elementos constantes nas lendas recolhidas. Para muitos povos as pedras são os «ossos» da terra (Eliade, 1971). No Vale do Minho, em todos os concelhos, desde a Serra D'Arga, até Castro Laboreiro, os penedos não passam despercebidos ao olhar mais desatento. No penedo «entra-se para dentro» e «sai-se de dentro»! Eles são como que os locais de passagem para o interior da terra, locais liminares, onde o desconhecido pode manifestar-se, apesar de, como todos os «locais limite», serem potencialmente perigosos. Neste Vale do Minho os penedos são os «umbigos» da terra, centros da organização do espaço. Interferir sobre eles é uma acção que terá certamente consequências para aquele que tiver a coragem de o fazer. Tanto pode ficar rico, tendo acesso aos tesouros escondidos, como pode libertar o mal que traz a morte e a desgraça²¹⁵!

As bruxas e as feiticeiras também aparecem! Uma vez nas encruzilhadas, outras no cimo dos penedos. Onde os caminhos se cruzam é o local ideal para a aparição, principalmente à meia-noite, um tempo «entre», limiar, daí forte de possibilidades. As bruxas e o diabo apreciam esta ambivalência. O sinal da cruz, ele próprio uma intercepção, é o sinal que supera as contradições e possibilidades várias, que dão origem ao caótico. Celebrara a cruz, para além de viver a memória do salvador, é exorcizar os equívocos da encruzilhada e das aparições prejudiciais.

Danaide era uma jovem a quem o pai só deixava casar caso fosse capaz de esvaziar a água de um poço com uma peneira! A prova de que o amor vence o impossível!

²¹⁴ Vasconcelos (1966) fala da apreensão que as pessoas tinham do lançar os cabelos à água, pois eles se transformariam em cobras!

²¹⁵ Veja-se o caso da Lenda dos Três Potes...

A bruxa, importunada nos seus rituais, abusa do homem, deixando-o «feito em trapos». As esposas perdoam estas «caídas nas silvas», e demais humilhações dos seus maridos, transferindo para as desreguladas bruxas todo o mal. A liberdade sexual feminina, celebrada de noite no alto dos montes, nas encruzilhadas dos caminhos, ou no Brasil de todos os sonhos, obriga ao silêncio aqueles que a experienciam, sobe pena da morte sentenciada. O Lobisomem «corre o seu fado» pelos montes e vales, transformando a noite e as encruzilhadas em locais de aparição do «monstro». Este híbrido amaldiçoado por um fado do qual não é culpado²¹⁶, suscita a compaixão e compreensão de todos, mesmo que todos o queiram evitar. A sorte da quebra desse maldito fado, está reservada a poucos, e necessita do concurso violento do homem. Da violência e do sangue vertido nasce um novo homem, num sacrifício redentor que só é compreendido por aquele que o deseja: o próprio lobisomem.

O mundo imaginário do Vale do Minho está reunido nesta recolha de lendas. Desde a celebração da fertilidade, com a celebração do feminino e das águas, passando pelo desejo/maldição da previsibilidade da morte, nas procissões de defuntos, pela experiência e superação do medo, de que a Coca de Monção é um dos exemplos, pela celebração da vitória do mais fraco sobre o mais forte, nas lendas históricas, pela defesa e santificação do bandido convertido²¹⁷, ou do bom bandido, símbolos de uma libertação dos poderes estabelecidos, até à fundamental importância da posse da terra, cuja violação, como vemos nas lendas das mudanças dos marcos, acarreta penas terríveis, que o próprio mundo do além se encarrega de cumprir, o leitor dos textos da recolha realizada terá certamente a possibilidade de se confrontar com a complexidade da construção de um mundo possível e inteligível, que todas as comunidades humanas ansiaram por realizar.

²¹⁶ O sétimo filho de um casal se for do mesmo sexo de todos os anteriores fica um lobisomem ou pieira (pigeira) de lobos. Para que isso não aconteça, ou ele é baptizado de noite sobre uma ponte por um estranho que venha a passar por ali, ou tem como padrinho um dos seus irmãos

²¹⁷ Assim o caso de Santo Aginha.

NARRATIVAS DO FANTÁSTICO:

No protocolo com a AMVM ficou estabelecido que o CEAA faria uma recolha de seis lendas por cada concelho. Dada a riqueza dos dados disponíveis, optamos por passar para o número de dez, coligindo, assim, sessenta lendas. No entanto, algumas ficaram de fora, bem como narrativas que poderiam ser classificadas como contos, provérbios, etc. Dessas narrativas do fantástico que ficaram de fora, deixamos aqui alguns exemplos, entre outros:

1. “A MOURA ENCANTADA E O CORDÃO DE OURO”²¹⁸

“Dizem que aconteceu, era eu pequena.

Era uma menina que, mandada pela mãe, ia sempre levar leite à casa de uma vizinha que morava no alto de um monte. Era uma serra que tinha aqueles moinhos... A água vinha por ali abaixo, fazendo os moinhos andar de roda... e assim moíam o milho. Um dia, indo ela por aqueles montes, apareceu-lhe aquela menina que lhe disse:

«Olha... tu onde vais?»

«Vou levar leite à casa de fulana!»

«Olha..., tu não me arranjas um bocadinho para mim? Pedias à tua mãe, e trazes-me um bocadinho...»

«Trago!», respondeu a rapariga.

«Mas olha.... Eu vou aparecer-te em serpente. Mas não tenhas medo! Quando eu chegar aqui ao teu peito, tu vais e bafejas-me três vezes assim: “haaaa... haaaa... haaaa...” Aí, eu torno-me numa menina, como estou aqui à tua beira. E depois eu dou-te coisas muito bonitas».

A rapariga assim fez. Foi a casa e pediu a chaleira do leite à mãe e trouxe-a para a levar à outra menina. Então, abriu-se o chão e apareceu aquela cobra! Ela vinha a subir, a subir... Mas, quando chegou à cintura da rapariga, ela deu um suspiro e dobrou-lhe o fado... à menina. Mas, mesmo assim, encheu-lhe a chaleira de colmo de centeio! Quando ela chegou um pouco mais acima, deitou o colmo fora... e só ficaram três palhas agarradas à chaleira.

²¹⁸ Informante: Maria da conceição Ferreira, 78 anos, Caminha.

A rapariga lembrou-se que a outra lhe disse para ir à capela de Santa Justa dar uma volta à capela. E ela, então, foi. No fim, quando vai a ver a chaleira, eram três cordões muito grossos de ouro! Vendo o que sucedera, a rapariga ainda veio a correr para trás..., mas a moura já tinha apanhado...”.

2. O DIABO OU O MOURO?²¹⁹

“Esta passou-se comigo, era eu rapariga pequena. Havia naquele tempo uma feira a que chamavam de «feira de Gandra». Lá vendia-se de tudo.

Ora, naquele dia, a minha mãezinha estava a cozer o pão, mas não tinha sal. Vai daí, diz-me: - *«Vai-me num instante à Gandra buscar o sal, minha filhinha!»*

E lá vinha eu pelo carreiro fora... Isto quando, junto a uma capelinha lá à beira e que tinha um pinheiro assim em frente um rapaz, todo vestido de vermelho, com um rabo comprido, estava ali a dançar de volta do pinheiro. E eu pus-me a olhar para ele!

«Maria.... Maria.... Maria....» (era a mãe a chamar...).

A Maria não falava porque estava encantada com o rapaz, e não fazia caso.

Eu topava aquele boneco bonito, a dançar!...

Depois, uma criatura andava ali perto à erva, e disse-me:

«Ó mulher! A tua mãe está cheia de chamar por ti. Anda-te embora...». Pegou-me pela mão... e foi assim que eu fui, senão ele tinha-me encantado (eu estava encantada).

Quando cheguei a casa eu disse: - *«Mãe... passou-se isto assim e assim...».*

«Ó minha filha! Aquilo que tu viste era o Diabo!»

Mas o homem que tinha vindo comigo disse: - *«Não era não... Aquilo era, mas era o mouro!».*

O certo é que ele foi lá e abriu, como se abrem as sepulturas. Levou o livro de S. Cipriano, e diz que lhe apareciam bichos de toda a qualidade, mas que ele não teve medo. Tirou o que estava no buraco... Tirou o tesouro e ficou rico...”.

²¹⁹ Informante. Maria da conceição Ferreira, 78 anos, Caminha.

3. OS SETE FILHOS PÁSSAROS²²⁰

“Uma mãe tinha sete filhos que tinham uma «fada»: transformavam-se em pássaros. Dizem que é de serem sete rapazes que leva a ter essa fada; outros transformam-se em lobisomem.

A mãe queria tirar a fada a esses filhos, mas não sabia como. Ela passava dias, semanas e até meses sem ver os pobres dos filhos, pois eles andavam pelos ares, astros, como os pássaros! A mãe sabia que eles se transformavam em pássaros, que tinham aquela fada, pois... sei lá, talvez viessem bater com o bico no vidro das janelas...

Um dia foi a uma senhora entendida, contou-lhe, e perguntou-lhe como é que podia tirar essa fada aos filhos. E dizia: *Eu queria quebrar esta fada aos meus filhos... Eles sofrem tanto e estão desgraçados!* Ela disse-lhe: *Olha! Para quebrares a fada aos teus filhos tens de fazer grandes sacrifícios. Tu cortas junco (vais ao regato, aos rios), muito junco, e trazes para casa. Depois secas esse junco e fazes sete croças (...).* A mãe tinha que fazer sete croças para os sete filhos que tinha. *Mas tens que fazer essas sete croças sem falar, comer ou dormir! Agulha sobre agulha, trabalho sobre trabalho, tu não podes fazer mais nada até acabares as sete croças.*

E ela pôs-se a fazer as sete croças, a tricotá-las. E não falava... só tricotava...só tricotava... As pessoas passavam e perguntavam sobre o que ela estava a fazer. Mas ela não podia responder, para não falar e assim respeitar o mando da bruxa. Até que, depois de muito tricotar, quando tinha a última croça quase pronta, as pessoas continuavam a falar para ela....(sabe que na aldeia é assim!). E já suspeitosas de tanto silêncio queriam condená-la à morte, que era o que faziam naquele tempo às bruxas. Foram contar ao rei: *Assim... Assim..., há aqui na aldeia uma mulher que tricota, tricota, mas não fala....* Pois não podia ser coisa deste mundo todo aquele trabalhar, trabalhar, sem falar e sem comer... O rei queria mandar matar a mulher!

Estava a pobre da mãe a acabar de tricotar as croças quando chegou o rei, com as suas autoridades, para a mandar matar. Só lhe faltavam sete malhas para acabar a última croça. Mas os filhos viram o que se estava a passar, e começaram a vir ter com a mãe. Ela viu os filhos a começar a vir; apanhou as croças e começou a metê-las naqueles pássaros. E assim que metia as croças eles ficavam homens! Quando chegou à última, à que faltava sete malhas, meteu-a no filho, mas ele

²²⁰ Informante: Melgaço, Conceição 62 anos.

ficou com sete penas no ombro... que eram as sete malhas que faltavam.

O rei viu que era uma penitência e desistiu da sentença, pois a mãe ia dizendo, no fim: *Eu não podia falar porque queria salvar os meus filhos com esta penitência!*".

4. O BAPTIZADO NA BARRIGA²²¹

"A Ana, aqui nossa vizinha, teve três abortos. E depois, o médico disse para ela não engravidar outra vez, pois era muito fraca e poderia apanhar qualquer coisa..., ou até a criança nascer defeituosa.

Um dia, numa esfolhada, eu disse-lhe. *Ó Ana, e se tu fosses baptizar a criança, ainda na barriga, debaixo da ponte de S. Lourenço? É uma ponte aqui próxima, neste regato.* Disse ela: *Você vai comigo? – Vou! – Então eu vou pensar nisso...*

Engravidou outra vez! Andava ela grávida de três meses, e uma noite viemos para cima da ponte (eu, ela e o marido). Esperamos em cima da ponte enquanto o marido foi debaixo da ponte buscar água. Depois, ficamos os três em cima da ponte à espera da primeira pessoa que ali passasse depois da meia-noite. Mas não podia passar nem cão nem gato, senão aquela noite já não servia, e tínhamos que vir noutra.

Veio o primeiro carro e eu fiz-lhe «auto». Mas ele não parou. Veio o segundo e eu voltei a fazer «auto» e ele parou. Mas a pessoa negou-se... e eu até o conhecia... Eu disse-lhe: *É para baptizar uma criança...* assim, assim..., mas ele negou-se. Veio o terceiro. Parou e aceitou. E disse: *Ai que bom que me aconteceu! Já ouvira falar dessa história, mas nunca esperei que me acontecesse tal coisa.* Era do Registo Civil.

Estava o pai com a água. *O que é que eu tenho de fazer?*, perguntou o homem. Eu disse-lhe: *Você pega na água e diz: "Eu te baptizo, em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo". Não diga Amém, senão fecha o Baptismo à criança!* Ele conhecia a rapariga e disse-lhe: *Levanta bem a blusa, que eu quero regar-te bem!* E passado o tempo nasceu uma rapariga linda! Hoje tem três anos".

²²¹ Informante: (Irmã da gravada...), 52 anos, Melgaço.

5. “O VIOLADOR”²²²

“Uma vez, numa terra próxima daqui, havia um homem muito rico que abusava das criadas. Dizem que violava todas as criadas que iam para a sua casa! Ora acontece que um dia, indo um moço (pensava-se) a passar no caminho por uma moça que ia para lá, disse-lhe:

-«Então que tal? Diz-se que vais para a casa de fulano (o tal homem). Olha que se fosse a ti não ia para lá!»

«Isso é que vou!»

«Não vás... Olha que o que ele fez às outras também to faz a ti.»

«Ah isso é que as outras eram assim... eram andando... Mas eu não sou como elas... Eu seguro-me, e à força ninguém vai!»

«Olha o que eu te digo: não vás!»

Ela não quis dar ouvidos e foi. Naquela altura o moço não disse quem era. Passado muito tempo, desde esta conversa, ela ia pelo caminho fora a chorar. O mesmo moço voltou a aparecer-lhe ao caminho e diz-lhe:

«Então moça... o que é que tens?» Ela nem levantava a cabeça ao responder:

«Oh!... e a mim que bem me avisaram que não fosse pr'a lá. Mas eu, teimosa, fui. Julguei que era mais dos que as outras, mas afinal não fui... sou igual!»

«Não me digas que já fostes papada!»

«Pois até estou...». respondeu a moça, e começou a chorar.

«Olha, não te recordas de um homem que te apareceu, e que te avisou para não ires para lá?»

«Pois foi verdade, mas eu não quis crer... E afinal fui e caí. Nunca tivesse eu ido!»

«Olha, esse homem que te avisou está à tua frente. Fui eu! E dizendo isto, deu-lhe uma estalada na cara e desapareceu.

A partir dali ela adoeceu. Estava doente, mas não dizia a ninguém o que lhe acontecera. Bem foram com ela para o médico... Fez tratamentos e tudo o mais, exames e mais exames, mas não lhe toparam nada. E o certo é que ela com aquela bofetada foi pr'o outro mundo²²³. Ninguém

²²² Informante de Moledo, Caminha: D^a Assunção, 75 anos

²²³ A nossa informante acrescenta a sua interpretação do acontecimento: «O homem que lhe apareceu diz-se que era o diabo. Dizem que há o demônio, e que este lhe apareceu para a avisar, porque a gente muitas vezes diz assim: «Isto é coisa do

soubera o que tinha acontecido. Só depois, através das colegas dela, é que se soube de que é que morreu”.

6. A PROCISSÃO DE DEFUNTOS²²⁴

“Morava eu com os meus tios. O meu tio, que se chamava Cândido, era um corpo aberto: falava sozinho..., arrastava os socos..., tinha, assim, um comportamento diferente, mas era boa pessoa!

Uma noite, estava eu a arrumar a cozinha, mesmo ali perto da janela que dava para um caminho que ia para Castro Laboreiro. Mesmo junto havia uma Capela do Santo Cristo. Eu estava, então, a arrumar a cozinha e fui abrir a janela. Por ali passavam as gentes de Castro Laboreiro para irem para as feiras. Eles iam às feiras da Barca, dos Arcos, e saíam à quarta-feira. Traziam os porcos, os animais e outras coisas. Lá ao fundo, na entrada da vila, havia um posto de gasolina onde as camionetas paravam para meter gasolina. Quando era noite, as luzes, assim viradas para cima, para Castro, enchiam tudo de luz. Antigamente era tudo escuro..., não havia luz como agora! E eu ouvia os castrejos a rir e a falar, o ruído dos porcos... Era um divertimento! Naquele tempo não havia nada, nem rádio. Aquilo para mim era uma alegria.

O meu tio chegou à minha beira e disse: Rapariga! – Que é que me quer? - Fecha a janela! E eu respondi: Não fecho! Pois eu estava ali só a me divertir... Mas ele disse-me assim: ou fechas a janela ou levas uma bofetada! Ele nunca me tinha falado assim! Vi que era coisa grave e fechei a janela.

Fechei a janela e deixei-o ir para a sala. A sala era grande e ficava ao fundo da casa. Ele lá foi, com os socos a rasto e a falar sozinho... era seu hábito... hui!, quantas vezes eu já o tinha escutado a falar assim... Mas depois, para me vingar dele, abri a janela. Ao abrir a janela vi aquelas luzes todas..., de varias cores: umas eram como a luz do sol, clarinhas; outras de um cor-de-rosa também clarinho; outras verdinhas..., mas muitas luzes!

Diabol!». A gente quer-se ter mais que as outras, e afinal não somos. Quando nós julgamos que somos mais que as outras, não somos. Somos menos! E descemos um degrau ainda mais abaixo do que elas. E isto foi o que lhe aconteceu a ela!»

²²⁴ Informante D^a Conceição, de Melgaço, Paderne, com 56 anos.

Quando fixei melhor o olhar, aquilo saltitava de um lado para o outro...; umas mais altas e outras mais baixas (os homens são mais altos e as mulheres são mais baixas.... Nos enterros vão homens e mulheres). E saltitavam e iam a correr ali pela estrada fora, pelo caminho. Eu fiquei assim um pouco tonta: isto não é uma procissão de velas..., não vejo nenhuma pessoa!, só vejo ali as velas. Como é que elas saltam? E depois na frente vi uma grande luz, e essa grande luz ia lá no alto, por cima de todas! No outro dia vi o enterro e compreendi: era o mordomo que ia à frente e levava o crucifixo lá no alto. E a cabeça do Santo Cristo, aquela imagem na cruz, parecia uma roda de luz como uma tigela cheia de luz, fluorescente. Tinha uma cor... assim um encarnado que não era bem encarnado... um cor-de-rosa

E aquela luz ia na frente e comandava as outras luzes. As outras iam todas atrás dela. E eu não tive medo nenhum! Hoje é estrada, mas antigamente era um caminho fundo. E aquelas luzes meteram-se para o caminho do cemitério, e foram desaparecendo com a outra luz lá em cima.

No dia seguinte morreu um homem que vinha lá à Quinta, que eu conhecia muito bem. Ele tinha trinta e três anos e deixou uma mulher com trinta e três, trinta e um anos, com dois filhinhos. Eu fui ver o enterro, na beira da estrada, e aí vi que o Cristo era mesmo a luz que ia lá em cima. Não disse nada ao meu tio porque tinha medo que ele me batesse, pois talvez ele pensasse que me acontecesse o mesmo que lhe acontecera a ele, como me contou a minha avó.

Quando ele tinha dezasseis anos, e diziam até que era um homem muito bonito.... Um dia vinha de tapar uma água ali para os lados do cemitério, com um bonito chapéu (daqueles redondinhos, como se usava naquele tempo) na cabeça. Então, passou por ele um grande cavalo branco que ia no caminho para Castro Laboreiro, e que atirou o chapéu dele para longe, e ele assustou-se! Assustou-se e ficou com o corpo aberto. Depois quando morria uma pessoa, ele sabia-o na véspera. Eu própria sou testemunha, pois a minha cama ficava encostada à parede do quarto ao lado do dele. De noite, ouvia-o gemer. E perguntava-lhe: Tio Cândido, o que é que teve ontem à noite? – Ah moça, eles «judiam» de mim..., botam a burra à camisa; a canga às calças.... judiam de mim!

Ele quando passou pelo cavalo ficou maluquinho. Mas a minha avó disse que fora com ele a uma mulher e que o fecharam com sete chaves de sete igrejas. Mas ele ficou sempre assim com o corpo aberto a estas coisas. Depois não era maluco, mas era assim bonzinho..., não se metia

com ninguém. Via-se que, às vezes, com «a vista à ferida»... aquela vista, assim fixa nas pessoas... O maior sofrimento dele era à noite. Sempre a gemer, queixava-se que as pessoas se metiam com ele: «Judiam de mim!».

Um dia encontrei-o de baixo de uma «lata», assim deitado com os olhos abertos....Pensei que tinha tido um ataque: – Ó tio Cândido, vocemessê o que é que tem? – Atiraram comigo..., atiraram comigo.... Passaram com uma burra muito grande... - Mas aqui não passa uma burra! – Atiraram comigo moça....”.

7. LENDA DO CAMPO ENCANTADO²²⁵

“Era uma vez um lavrador que tinha muitos campos. Mas entre todos, um dizia-se encantado. O povo contava que os antigos donos eram mouros. Ao lavrador aparecia-lhe ali sempre qualquer coisa, sempre qualquer coisa... O antigo dono enterrou lá um tesouro. Depois dizia que aquele campo era lavrado com bois pretos e semeado com sal. Mas o actual dono não sabia disto! Aparecia-lhe ali sempre qualquer coisa...

Ora, depois, lá lhe disseram o que ele tinha de fazer. Então, ele correu, correu para arranjar os bois pretos e para lavar o campo com sal. Nisto, abriu-se o chão e ele topou lá dentro o tesouro!”

²²⁵ Informante: Maria da Conceição Ferreira, 78 anos, Seixas, Caminha. Em Monção, Sago, existe uma tradição oral que relata uma versão muito próxima desta mas que ainda é mais inverosímil. Foi-nos transmitida por Clara Pereira Esteves, de 68 anos, de Monção: “Isto é uma lenda que ouvi ao Sr. padre Joaquim Ribeiro, daqui da freguesia de Sago. Contavam já os antigos que quem metesse um arado com umas galinhas a cangar, saía um grande tesouro daqui, do lugar do Castelo..., nestes montes, nestes penedos... De maneira que a lenda... Saíram os pedreiros a destruir os penedos. Deu uma grande riqueza; deu muito dinheiro. Eram as galinhas no arado a lavar!”. A descrição do modelo de acção é paradoxal tendo em conta o contexto ecológico e os intervenientes: lavar pedras com galinhas cangadas! No entanto o tesouro, de facto, estava lá: a destruição (infeliz) dos enormes penedos pelos pedreiros rendeu «muito dinheiro», como diz a lenda...

BIBLIOGRAFIA

ALLEAU, R.

2001 *A ciência dos símbolos*. Lisboa: Ed. 70.

ALVES, Lourenço, (org.)

1985 *Caminha e o seu Concelho. Monografia*. Caminha: Ed. Câmara Municipal de Caminha.

ARIÈS, P.

1975 *Essais sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen Age à nos Jours*. Paris: Seuil.

AAVV

2000 *Ínsua no caminho dos mareantes*. Caminha: Câmara Municipal de Caminha.

AAVV

2001 *Memórias. Gentes de Melgaço*. Melgaço: Câmara Municipal de Melgaço.

AUGÉ, M.

2000 *A construção do mundo*. Lisboa: Ed. 70.

BAROJA, J. C.

1978 *As bruxas e o seu mundo*. Lisboa: Vega.

BARR, S.

1993 *Expériences de topologie*. Paris: Lysimaque.

BARTHES, R.

1957 *Mythologies*. Paris : Seuil.

BASTOS, José G. P.

1988 *A mulher, o leite e a cobra. Ensaio de antropologia pós-racionalista*. Lisboa: Edições Rolim.

BOURDIEU, P.

1972 *Esquisse d'une théorie de la pratique précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz.

BOUZAS, Pemón; DOMELO, Xosé A.

2000 *Mitos, ritos y leyendas de Galicia. La magia del legado celta*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

BRAGA, J. Teófilo

- 1867 *Cancioneiro Popular Colligido da Tradição*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- 1871 *História da Poesia Portuguesa /Eschola Nacional). Epopêas da Raça Moçárabe*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- 1883 *Contos Tradicionais do Povo Portuguez*. 2 vols., Porto Livraria Universal de Magalhães e Moniz.
- 1885 *O Povo Portuguez nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*. 2vols., Lisboa: Livraria Ferreira Editora.
- 1994 (2ª ed.), *O povo português nos seus costumes, crenças, e tradições* (vol. I e II), Lisboa: P. Dom Quixote.
- 1999^a (5ª Ed.), *Contos Tradicionais do Povo Português*. Vol. I, Lisboa: P. Dom Quixote.
- 1999^b (5ª Ed.), *Contos Tradicionais do Povo Português*. Vol. II, Lisboa: P. Dom Quixote.

CHOMSKY, N.

- 1990 *Le langage et la pensée*. Paris: Payot.

COELHO, Adolfo

- 1993 *Obra Etnográfica. Vol I. Festas, Costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*. Lisboa: P. Dom Quixote.
- 1993 *Obra Etnográfica. Vol II. Cultura Popular e Educação*. Lisboa: P. Dom Quixote.

COSTA, Dalila P.

- 1984 *Da serpente à imaculada*. Porto: Lello & Irmão.

COUTINHO, Artur

- 1997 *Mosaicos da Serra D'Arga*. Viana do Castelo: Ed. Paróquia de Nª Sª de Fátima.
- 2000 (3ª ed.), *Cancioneiro da Serra D'Arga*. Viana do Castelo: Ed. do Autor.

CUNHA, N. C. Alves

- 1979 (2ª ed.) *No Alto Minho. Paredes de Coura*. Braga: Ed. do Autor.

DANFORTH, L. M.

- 1982 *The Death Rituals of Rural Greece*. Princeton: Princeton University Press.

DOUGLAS, M.

- 1991 *Pureza e perigo*. Lisboa: Ed. 70.

DRAGAN, Radu

1999 *La représentation de l'espace de la société traditionnelle. Les mondes renversés*. Paris: L'Harmattan.

DUMEZIL, G.

1929 *Le problème des centaures. Etudes de mythologie comparée indo-européenne*. Paris: Librairie orientaliste Paul Geuthner.

DURAND, G.

1989 *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença.

ELIADE, M.

1971 *La nostalgie des origines*. Paris: Gallimard.

ESTEVES, A. César

1957 e

1959 *Melgaço, Sentinela do Alto Minho* (2 vol.). Melgaço: Tip. Melgacense.

EVANS-PRITCHARD, E. E.

1956 *Nuer Religion*. Oxford: Oxford University Press.

FERRÉ, P.

1982 "Nota Prévia" a Braga, T., *Romanceiro Geral Português*. I vol. Lisboa: Vega (IX-LVII).

FRAZÃO, M. Fernanda

1988 *Lendas de Portugal*. Lisboa: Mutilus.

FREUD, S.

1987 *La vie Sexuelle*. Paris: PUF.

GARRIDO, Maria Teresa S.

1984 *A romaria de S. João D'Arga*. Caminha: Ed. da Autora.

GASTER, T.

1953 *Les plus anciens contes de l'humanité*. Paris: Gallimard.

GERALDES, Alice

1978 "Castro Laboreiro: a mulher na vida e na lenda", *Mínia*, Braga, 2ª Série, 1 (2), pp. 42-64.

GIL, J.

1994 *Monstros*, Lisboa: Quetzal.

GODELIER, M.

1996 *L'énigme du don*. Paris: Fayard.

GUERREIRO, Castro

1987 *Contributos para a história de Vila Nova de Cerveira. O castelo e outras fortificações*. Vila N. de Cerveira: Câmara Municipal de Vila N. de Cerveira.

GUERREIRO, Castro (Org.)

1999 *Monografia de Vila Nova de Cerveira*. Vila N. de Cerveira: Cervocultural e NCC.

GUGLIERO, F.

1982 *L'initiation féminine*. Paris: Friant.

LEACH, E.

1991 *Culture and Communication*. Cambridge: Cambridge University Press.

LEAL, João

1999 "Em torno desta reedição" in Braga, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português* (2 vols.). Lisboa: Dom Quixote.

LE GOFF, J.

1993 *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Estampa.

1994 *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa

LÉVI-BRHUL, L.

1976 *La mentalité primitive*. Paris: Retz-CEPL.

LÉVI-STRAUSS, C.

1962 *La pensée sauvage*. Paris: Plon.

1979 *Mito e significado*. Lisboa : Ed. 70.

MARQUES, Gentil

1987 *Lendas de Portugal*. vol.1, Lisboa:

MAUSS, M.

1969 *Essais de sociologie*. Paris: Ed. de Minuit.

MCLEAN, A.

1992 *A Deusa Tríplice. Em busca do feminino arquetípico*. S. Paulo: Cultrix.

MESLIN, M.

1984 *Le merveilleux. L'imaginaire et les croyances en Occident*. Paris: Bordas.

MEIRELES, Maria Teresa

1999 *Elementos e entes sobrenaturais nos contos e lendas*. Lisboa: Veja.

MICHELET, J.

1974 *Sobre as feiticeiras*. Lisboa: Afrodite.

NEVES, Manuel Augusto Pinto

1990 *Valença. Na História e na Lenda*. Valença: Câmara Municipal de Valença.

1997 *Valença, Das Origens aos nossos Dias*. Valença: Edição do Rotary Clube de Valença.

NUNES, Henrique Barreto

1995 *A Coca de Monção. Roteiro Bibliográfico*. Braga: ASPA.

OLIVEIRA, Ataíde

1989 *Contos Tradicionais do Algarve (2 vols.)*. Lisboa: Vega.

PAZ, Noemi

1992 *Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas*. S. Paulo: Cultrix.

PAUL-LEVY, F.; SEGAUD, M.

1983 *Anthropologie de l'espace*. Paris: Centre G. Pompidou/CCI.

PEDROSO, Consiglieri

1910 *Contos Populares Portugueses*. Lisboa.

2000 *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Ulmeiro.

PEIXOTO, Rocha

1995 (2ª Ed.), *Emografia Portuguesa*. Lisboa: P. Dom Quixote.

PITTA, Francisco

1987 *Lendas e Tradições do Alto Minho*, Viana do Castelo: Casa dos Rapazes.

QUINTA NEVES, L.

1956 *A Coca Monçanense. Sua origem e evolução*. Viana do Castelo: Separata do "Arquivo do Alto Minho".

SABUGOSA, Conde de

s/d *Neves de Antanho*. Lisboa: Bertrand.

ROCHA, J. Marques

1993 *Melgaço de ontem e de hoje*. Braga: Serviços Artes Gráficas Lda.

TESTART, A.

1991 *Des mythes et des croyances. Esquisse d'une théorie générale*. Paris: Ed. Maison des Sciences de l'Homme.

TORODOV, Tzvetan

1977 *Introdução à literatura fantástica*. Lisboa: Moraes.

TRANCOSO, Gonçalo F.

1979 *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*. Lisboa: INCM.

TURNER, V. W.

1990 *Le phénomène rituel*. Paris: PUF.

VASCONCELOS, José Leite de

1966 *Contos Populares e Lendas* (2 vols.). Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.

1980^a *Etnografia Portuguesa*. Vol III. Lisboa: ICNM.

1980^b *Etnografia Portuguesa*. Vol VII. Lisboa: ICNM.

VAN GENNEP, A.

1909 *Les rites de passage*. Paris: Picard.

VERNANT, J.

1996 *Mythe et pensée chez les Grecs. Étude de psychologie historique*. Paris : Ed. la Découverte.